

As Pesqueiras do Rio Minho

Antero Leite

Nas margens do rio Minho e ao longo de cerca de 37kms do seu troço transfronteiriço, a pesca utiliza umas construções fixas em pedra partindo das margens nas quais os redadores armam artes tradicionais como a *cabaceira* e o *botirão*. São as pesqueiras.

História

As suas primeiras referências documentadas datam do século XII e referem-se a doações a mosteiros. "Em 1180, Urraca Pires de Ramirães com seu irmão Aires Pais, vendeu a Fiães uma sexta de Merelhe com suas pesqueiras e seus lugares e termos antigos"¹. "No ano de 1223, Nuno Fernandes e sua irmã Urraca doaram a Santa Maria de Fiães, abade D. Gonçalo e seu convento metade de um casal na vila chamada Doma ... e mais seus quinhões nas pesqueiras do rio Minho"² Com o fim do 'Antigo Regime' e o advento do Liberalismo, é decretada, em 30 de Maio de 1834, a extinção das Corporações Religiosas sendo os seus bens incorporados na Fazenda Nacional e posteriormente vendidos em hasta pública. Estas vendas foram feitas sobretudo em benefício de uma média burguesia de negociantes, funcionalismo público, militares constitucionais e de uma certa fidalguia rural "não indigna", isto é que não tenha servido a causa do Absolutismo.

Na Ribeira Minho, a desamortização liberal atingiu as congregações de Ganfei e Fiães. O Mosteiro de Paderne estava, desde 1772, na posse do 'senhor de Badim'. Sanfins e Longos Vales pertenciam, desde 1759 à Universidade de Coimbra havendo os seus bens sido colocados em hasta pública

A propriedade das pesqueiras do rio Minho transitou para a posse de casas fidalgas e de particulares. A exploração era plena ou partilhada em 'quinhões' de dias de pesca. Por um processo de alienação foram-se formando, ao longo do Séc. XIX, grandes grupos de 'consortes'. O emprazamento foi perdendo relevância, ou seja ao foreiro sucedeu o 'consorte', o mesmo é dizer que se substituiu uma relação de sujeição por uma de posse, embora partilhada.

Definição e tipologias

As pesqueiras são construções fixas em pedra, resultado da transformação pelo homem das massas rochosas existentes nas margens do *Rio Minho* em pontos de pesca. De arquitectura popular se trata, pois os seus construtores eram originários das comunidades camponesas ribeirinhas. Mestres pedreiros que revelaram possuir um conhecimento profundo dos caudais e correntes do rio quando decidiram por determinada forma e disposição das pesqueiras

Na evolução do saber-fazer construtivo passou-se de uma fase ainda influenciada por primitivas técnicas recolectoras para outras onde os processos de captura foram sucessivamente aperfeiçoados. Inicialmente, aproveitaram-se os *cotos*, grandes penedos sobranceiros às águas do rio, e em alguns deles o seu acesso foi facilitado pela colocação de troncos de árvores a partir das margens. Depois talhou-se a rocha junto à margem de modo a obterem-se degraus em diferentes alturas para se lançar as redes, e melhorou-se a acessibilidade através da colocação de passagens em blocos de granito. Existem pesqueiras com uma intervenção humana mínima, como podemos observar na zona de Bela (Monção), mas, em outros lugares a montante, o Minho corre baixo e daí a necessidade de se utilizar outro processo de captura do peixe. Surgiram assim os **caneiros**, corpos em pedra em cujo intervalo (ou *boca*) se coloca a arte do *botirão*.

As **pesqueiras-caneiros** apresentam-se mais elaboradas, pois, além de poderem ter mais de dois corpos, algumas delas terminam por uma *cauda* ou *rabo*. Certas pesqueiras-caneiros permitem o emprego da *cabaceira* e também do *botirão*. Foram construídas de tal forma que o seu último corpo se encontra em zona do rio suficientemente profunda para o lançamento da rede.

A arquitectura das pesqueiras apresenta grande solidez, detectando-se, na variedade das suas plantas, a procura de soluções engenhosas de adaptação às condições topográficas e morfológicas,

¹ Alonso, Eliseo - Pescadores del Rio Miño. Ed. Dep.Prov. Pontevedra, 1989, pp. 55

² Pintor, Bernardo - Melgaço Medieval. Tip. Of. Gráfica Augusto Costa & C.ª Lda., Braga, 1975, pág. 68.

e ao mesmo tempo, um conhecimento profundo, por parte de quem as concebeu, sobre os caudais, as correntes do rio e as artes da pesca mais indicadas conforme a profundidade das águas.

Estado de conservação

As pesqueiras exigem intervenções urgentes. Os trabalhos a efectuar consistem na reparação de rombos e desmoronamentos causados pela acção das águas e pela extracção de inertes, constituindo as caudas e os corpos dianteiros as zonas das pesqueiras mais afectadas. Muitas “bocas” necessitam de serem desentupidas de arbustos arrastados pela corrente ou caídos das margens. Em algumas pesqueiras verifica-se que a parte superior dos corpos apresenta brechas por onde se infiltram as águas pluviais e que, a não serem colmatadas, poderão no futuro fragilizar toda a estrutura, expondo-as à ruína.

Integração paisagística

Olhadas de longe as pesqueiras parecem anfractuosidades naturais onde o *Minho* investe com ímpeto, deixando rastos de espuma. De perto, impressionam pelo aspecto ciclópico dos seus altos muros. Escuros e cobertos de fungos e líquenes, os grandes blocos em granito amontoam-se uns sobre os outros ou dispõem-se em panos aparelhados. O geometrismo das suas plantas não constitui um corte no ordenamento paisagístico. Antes pelo contrário, a integração cénica é bem conseguida e sai valorizada pelas simétricas cachoeiras de água em espuma fazendo um ruído que é outra revelação para quem as conhece pela primeira vez. Estas são, em nossa opinião, as pesqueiras mais belas.

No espaço cultural da Ribeira Minho as pesqueiras suscitam-nos evocações de um viver difícil, crivado de privações. Mas também um tempo onde o *Minho* foi muito generoso para com todos quantos a ele acorriam à procura de sustento. Paisagem com pesqueiras. Rio com Memória. Uma identidade cultural nascida e desenvolvida pelas trocas recíprocas entre os dois povos ribeirinhos. A herança subsiste, há que a legar.

BIBLIOGRAFIA

LEITE, Antero—As pesqueiras do Rio Minho. Economia, Sociedade e Património.Ed. COREMA, Caminha, 1999.

- As pesqueiras de Melgaço na Economia Ambiental da Ribeira Minho, ‘Boletim Cultural da Câmara Municipal de Melgaço’ (2009), pp.145-192.

SOEIRO, Teresa - Pescadores de terra adentro. ‘Oceanos’, n.º 47/48-Julho/Dezembro 2001. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pp.136-161.

A COREMA - Associação de Defesa do Património, sedeadada em Caminha, nasceu em 1988, afirmando-se a sua constituição dramaticamente oportuna face à urgência de empreender uma acção que estancasse a delapidação dos valores naturais e culturais da Ribeira Minho. Foi uma das primeiras associações a inscrever-se no Instituto Nacional do Ambiente, criado legalmente em 1987; é membro fundador da Confederação Portuguesa das Associações de Defesa do Ambiente e integrou, durante vários anos, os seus Corpos Directivos; impulsionou, em 1994, a constituição da Plataforma Ecológica Luso-Galaica.Por várias ocasiões foi a ponte que uniu galegos e portugueses em torno da defesa de valores ecológicos e patrimoniais comuns, ocupando o rio Minho um lugar central no conjunto das acções desenvolvidas. Sobressai aqui a campanha que realizou contra a construção da barragem luso-espanhola de Sela, prevista para o troço internacional do rio compreendido entre Monção e Melgaço. Esta luta durou oito anos, de 1992 até 2000, mantendo-se a COREMA atenta aos projectos ditos alternativos apresentados, entretanto, pela EDP e pela Unión Fenosa. A publicação do livro “*As Pesqueiras do Rio Minho: Economia, Sociedade e Património*” constituiu um importante meio de sensibilização em torno da defesa dos valores culturais, históricos e arquitectónicos ligados ao rio Minho, em especial as suas pesqueiras cuja preservação esteve ameaçada pela construção da barragem de Sela e esbarra agora com a inacção e a indiferença das autoridades competentes.